O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2018 - ANO XXI - Nº 252

EDITORIAL

A batalha contra a corrupção é dura e não tem trégua. A mudança de práticas arraigadas na política brasileira enfrenta diversos obstáculos.

Há um movimento mundial contra a corrupção e o Brasil está no centro desse que é um dos maiores movimentos já registrados no processo de combate a este mal que corrói a sociedade moderna.

O que se observa em nosso país é que, para muitos políticos, a ficha ainda não caiu. Acreditam que ainda poderão, por muito tempo, conduzir, de forma irresponsável, a maneira de se fazer política. O momento mundial de combate à corrupção aponta para gestores que insistem em empregar velhos métodos de promessas, conchavos e ocupação de cargos públicos em setores da administração passíveis do desvio de recursos.

A corrupção é um dos entraves que retardam o desenvolvimento do país. Incide diretamente ao subtrair recursos destinados a melhorar o bem-estar da população, mas seu veneno indireto é mais letal. Ao semear insegurança e descrédito, desestimula negócios e investimentos.

É indispensável uma reforma geral do Estado para que o Brasil possa virar essa página negra de sua história. Precisamos de um Estado eficiente que tenha capacidade de prover a população com serviços adequados, educação, saúde e serviços públicos com a mesma qualidade que os privados. Precisamos de um país onde os impostos sejam justos e valham a pena. A população não acredita mais nos políticos ineficientes que deixaram a economia em frangalhos, estagnada. Temos o pior cenário que se pode viver e com pouca esperança de que venha a melhorar. Ainda que o brasileiro seja reconhecido pelo seu otimismo, fica cada dia mais difícil acreditar em um futuro diferente com os atuais políticos.

As sucessivas denúncias, investigações e prisões de figurões do colarinho branco que se escudavam atrás do dinheiro e de uma rede de influências mostram que está sendo superada essa antiquada e corrosiva forma de se fazer política. O brasileiro está cada vez mais atento. A luta contra a corrupção tem de ser diária. A sociedade sairá vitoriosa.

Foto Arquivo Pró-Memória

Nossos rios e nascentes vêm sendo destruídos por atividades irregulares diversas, o que tem impacto direto, por exemplo, na saúde e no turismo. Há que elaborar e executar projetos para melhoria da quantidade e da qualidade dos recursos hídricos em nossa região.

Tempo das águas

Observando os ribeirões de Piquete nesses meses de verão, quando as chuvas são constantes, constatamos que o volume não é mais como o de décadas passadas. Vez ou outra, uma chuva fora do comum em suas cabeceiras faz nossos rios crescerem ameaçadoramente de volume, mas, em poucas horas, voltam a minguar, de maneira que esses, cada vez mais, apresentam menos água.

Localizado num fundo de vale cercado pela Mantiqueira, Piquete é privilegiado por paisagens serranas diversas, clima agradável e inúmeras nascentes. Quem vem à cidade, não se cansa de se referir às belezas naturais e ao azulado da serra, que apresenta, a cada hora do dia, uma tonalidade diferente. Os visitantes admiram-se, também, com o grande fragmento de Mata Atlântica, tão próximo à área urbana, preservado há mais de cem anos pela Fábrica Presidente Vargas.

No entanto, apesar de sua localização no sopé da Mantiqueira, considerada uma grande caixa d´água estratégica para o Vale do Paraíba, assistimos às águas de nossos rios, cujas nascentes se encontram nesse maciço, minguarem a cada ano. Basta olhar fotografias de décadas passadas para se constatar essa assertiva. Salta aos olhos a iminente escassez dos recursos hídricos, que nunca esteve tão em evidência. Esse é um grave problema, que põe em risco a sobrevivência humana e a de um número incontável de espécies vegetais e animais. Demandam-se medidas enérgicas e arrojadas das autoridades públicas, planejamento estratégico por parte de órgãos e gestores ambientais e ações que recuperem nossos mananciais.

As mudanças climáticas decorrentes do aquecimento global têm interferido no ciclo das chuvas, de maneira que estiagens prolongadas vêm castigando municípios brasileiros. Paralelamente, nossos rios e nascentes vêm sendo destruídos por atividades agropecuárias irregulares que escapam ao controle das autoridades, dado o crescimento desordenado das cidades, com ocupação de áreas de proteção ambiental. Diante desse cenário fortemente hostil aos recursos hídricos, a sociedade é chamada à responsabilidade de elaborar e executar projetos para melhoria da quantidade e da qualidade em nossa região. Se cada cidadão se empenhar no plantio e no cuidado de determinadas áreas, a coletividade se beneficiará. A consciência ambiental precisa ser plantada em cada munícipe. Toda política ambiental só traz resultados perenes se os envolvidos tiverem consciência da importância e da efetividade de determinada ação para a preservação da natureza.

Imagem - Memória

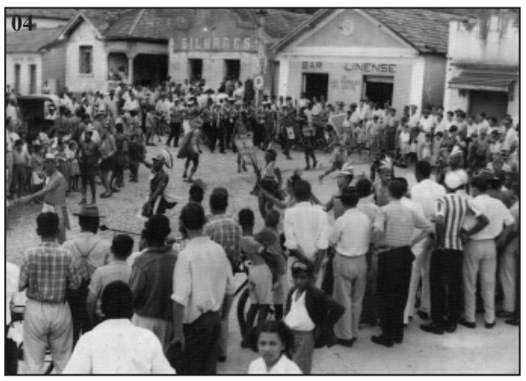
Fotos Arquivo Pró-Memória

01

02

03

01: *Bloco de Sujo****; 02:*** *Rei Momo (Capistrano) e Rainha do Carnaval 1980 (Agripina)****; 03)*** *Bloco Guarani (1931)****; 04)*** *Carnaval de rua na Praça da Bandeira, na décda de 1960;* ***05)*** *Grupo de carnavalescos piquetenses, em 1940;* ***06)*** *Bloco em Piquete, na década de 1950.*



04

05

06

Chegou o Carnaval!

Já em janeiro a população se mobiliza para brincar o Carnaval. A expectativa é sempre grande. Essa festa popular, considerada uma das maiores, mais animadas e representativas do mundo, acontece nos três dias que antecedem a Quaresma. Durante o reinado de Momo, as pessoas se organizam em grupos para pular, cantar, dançar e se divertir sozinhas ou em grupos. A diversidade é uma das principais características da folia. A licenciosidade impera. Parece que tudo é permitido.

A origem do Carnaval perde-se no tempo. Veio se modificando ao longo dos anos e chegou aos nossos dias. No final do século 19, aparecem, nas grandes cidades, os primeiros blocos carnavalescos, cordões, ranchos e os famosos corsos. Estes últimos tornaram-se mais populares no começo do século 20. As pessoas se fantasiavam, decoravam seus carros e, em grupos, desfilavam pelas ruas das cidades. Está aí a origem dos carros alegóricos, típicos das escolas de samba atuais.

Foi no século 20 que o Carnaval cresceu, tornando-se uma festa realmente popular. Esse crescimento ocorreu com a ajuda das marchinhas carnavalescas cujas músicas deixaram o Carnaval cada vez mais animado. Era só a letra cair no gosto popular para que a cidade toda cantasse.

O primeiro grupo organizado para brincar o carnaval em Piquete surgiu em 1926, na vila operária de São José. O "Flor do Indaiá" foi um sucesso e provocou, nos anos seguintes, o surgimento de outros blocos que atraíram mais pessoas para as ruas. Por essa época, também desfilou o Boi de Carnaval e suas burriquinhas. Atrás delas alguns músicos e a população que seguia o cortejo para dançar e se divertir. Era comum também as famílias se organizarem para dançar em casas, no Hotel das Palmeiras e no Cassino, na Vila da Estrela. A ferveção, porém, o melhor do Carnaval piquetense acontecia com maior intensidade era mesmo nas ruas, onde a irreverência sempre predominou. Bastava surgir uns poucos músicos, alguns mascarados ou conhecidos cidadãos trasvestidos, para que o sorriso fácil aparecesse estampado no rosto e quebrasse a seriedade de muitos recatados observadores que, não resistindo aos apelos da folia, acabavam por entrar na farra. Animado pelas bebidas, muitos tímidos só com a cara cheia é que se misturavam à turba que se formava e davam vazão às suas fantasias. Famílias inteiras saíam às ruas para ver desfilar figuras cômicas. A maioria dos foliões, nos dias de Carnaval, se vestia de maneira diferente do dia a dia: homens travestidos de mulher e vice-versa. Outros se caracterizavam como políticos ou personalidades caricatas da época, outros se exibiam com fantasias mais elaboradas... Predominavam, porém, a ironia e a irreverência, senão não era Carnaval. Atirar confetes coloridos e serpentinas, além de lança perfume, era o máximo. As crianças se divertiam com bisnagas colorida que espirravam água. Faziam verdadeiras batalhas em que todos se molhavam amenizando o calor das brincadeiras.

Como quase não havia carros pelas ruas de Piquete nos anos de 1940, elas eram tomadas pelos foliões. O Boi continuava atraindo a atenção de todos, principalmente da criançada, com suas investidas e danças que provocavam correria e grande alarido. O tempo passou, o Carnaval evoluiu, surgiram os clubes sociais com seus bailes carnavalescos. Para uma cidade pequena, eram muitos em Piquete. Na década de 1940, havia baile no Cassino da Estrela, no Grêmio General Carneiro, no clube dos Ex-alunos e na Associação Comercial.

Na década de 1950, surgiu o Elefante Branco. Bailes pré-carnavalescos eram organizados para a escolha do Rei Momo, rainha e princesas do Carnaval. As ruas, no entanto, continuavam animadas pelo verdadeiro espírito do Carnaval. Não havia organização e nem patrocínio. Havia espontaneidade. Era comum, também, pessoas mais reservadas e senhoras de família formarem blocos de sujos: um terno grande, roupas largas que escondessem o corpo e a cabeça coberta por uma fronha que se transformava em máscara. Um porrete, sombrinha ou bengala completava a fantasia e ajudava a se defender se algum engraçadinho se atrevesse a desmascará-las. Irreconhecíveis, brincavam o Carnaval sem serem descobertas.

Anos mais tarde, com apoio da FPV, memoráveis Carnavais aconteceram em Piquete. Ainda nas ruas, os Blocos das Bonecas e o Pé de Cana sempre atraíram centenas de foliões. Como era bom esse Carnaval de antigamente. Dinheiro não se tinha, mas havia muita diversão e fantasia!

GENTE DA CIDADE

Dona Fina

Ao conversar com Josephina de Oliveira Alves Silva, somos impactados por suas lembranças. Surpreendem a memória privilegiada e a facilidade com que discorre sobre as nove décadas de vida em que acompanhou o crescimento da cidade. Piquete era muito pequena e pobre. Todos se conheciam. Éramos uma grande família. O dia era pautado pelo apito do trem e pelo sino da matriz de São Miguel, que podiam ser ouvidos da casa em que nasceu, na Avenida Major Pedro, em 7 de novembro de 1925. Ao evocar suas memórias, Dona Fina renasce. O pai, Manoel Francisco Alves, veio para Piquete trabalhar no ramal férreo. Aposentou-se na Fábrica Presidente Vargas. Aqui casou-se com Francisca de Oliveira Alves. Tiveram sete filhos: três homens e quatro mulheres. Na Major Pedro, onde viveu até os quinze anos, teve como vizinhas as famílias de Laura e Godofredo Bittencourt, Leta e Odilon Soares, Balbina e seu Nenê, Pedro Pinto de Miranda. Em frente à sua casa ficava o campo de futebol da Piquetense, onde havia uma bica em que Dona Fina buscava água diariamente. Era lá, também, que aconteciam todas as brincadeiras. Apaixonada por futebol, afirma que esse gosto vem de acompanhar o pai para assistir às partidas naquele campo e, mais tarde, no campo do Estrela.

As filhas de Dona Laura Bittencourt, Cida, Dulce e Elza, amigas de toda a vida, eram companhias constantes nas brincadeiras e visitas que faziam, em todo 6 de janeiro, ao presépio montado por Marica Pinta. Nessas ocasiões, sua mãe enviava para Dona Marica, que aniversariava nesse dia, uma rosca-de-reis, servida para os visitantes do presépio.

Recorda-se de famílias que moravam por perto: Herculano Gonçalves, Salviano sapateiro, Marica do Correio, Carrinho Ribeiro, Thomé e Genoveva Seraphim, Modesto Gonçalves e Dona Marica, Serafim Moreira, Benedito Nunes... Os filhos eram colegas ou no catecismo, ou na escola.

Entrou para o Grupo Escolar aos oito anos. O diretor à época era Sinésio de Castro. No primeiro ano, foi aluna de Durvalina Brito. Depois vieram Celencina Guimarães, Alcina Guimarães e Virgulina.

Da Revolução de 1932, recorda-se do movimento de soldados a caminho da serra, de tropas acampadas no campo da Piquetense, de soldados que pediam para sua mãe e sua avó Adelaide consertar roupas ou cozinhar frangos que haviam sido roubados dos quintais abandonados. No final da Revolução, quando muitos abandonaram a cidade, o pai levou a família para uma casa próxima ao Portão da Limeira. Ele e a avó, porém, ficaram na Major Pedro, cuidando da casa.

Aos quinze anos, mudou-se para a rua Américo Brasilense, aos pés do Morro da Miquelina. Novas famílias, novos amigos. A diversão às terças e quintas era ir ao Cine Glória. Nesses dias, as sessões eram gratuitas para operários e familiares da Fábrica, que cedia os filmes.

A família foi sempre muito católica e Dona Fina se orgulha de ter muita fé. É devota de São Miguel. Após o catecismo, fez parte da Cruzada Eucarística. Mais tarde, a convite de dona Mariquinhas Ferreira, de quem foi amiga a vida toda, entrou para a Pia União das Filhas de Maria. Pertenceu, também, à Irmandade do Sagrado Coração de Jesus. Sua mãe, ao tornar-se zeladora, convidou-a para ingressar naquela congregação. Costurou por muitos anos na Oficina Santa Rita. Conta que a vida religiosa de Piquete foi fortalecida com a vinda do padre João Guimarães, em 1934. Cita, ainda, os padres Oswaldo Bindão e Septímio Arantes. Dona Fina fez parte do Coral da Matriz, representou Maria Madalena e Beú em procissões do Senhor Morto. Tem boas lembranças das quermesses muito bem organizadas junto ao coreto na Antiga Matriz, das retretas, das Páscoas dos Operários e dos festivos meses de maio.

Seus olhos brilham ao contar que foi numa fila de comunhão que conheceu Vicente Cândido da Silva. Entre a troca de olhares, namoro, o noivado e o casamento, em 10 de setembro de 1955, passaram-se ano e meio. O casal teve duas filhas, que lhes deram cinco netos e um bisneto.

Dona Fina diz que está com a memória sempre ativa: "Gosto de pensar, de ler, de contar histórias... Essa é minha maneira de não me esquecer". O seu depoimento é documento vivo que precisa ser conhecido e guardado.

Dona Fina e companheiras da Oficina Santa Rita

Educação exige inovação

Laura Chaves

Água mole em pedra dura... tanto bate até que acaba; devagar... demora um tempão e pode não chegar em tempo; escreveu, não leu... é semianalfabeto. Essa brincadeira com os ditos populares é o pretexto que encontrei para apresentar uma proposta interessante para 2018: descontruir as verdades prontas, abandonar as velhas práticas e inovar. Educação exige inovação.

Insistir nas práticas ultrapassadas é insistir no fracasso. É chover no molhado! Assim, faço um convite aos gestores escolares e professores para que não repitam, copiem ou proponham práticas sem questioná-las e sem confrontá-las com as evidências científicas e com as experiências de sucesso comprovadas.

No campo empresarial, inovar é construir soluções novas ou significativamente melhores do que as opções disponíveis no mercado. São soluções que entregam mais valor ao usuário e que geram ganhos para a empresa. Esse mesmo conceito pode e deve ser aplicado no âmbito escolar. A escola tem um produto a oferecer que é o ensino e a qualidade desse vai depender das ações resultantes das soluções construídas. Mais qualidade de ensino beneficia o estudante, a escola e a sociedade. O produto que a escola gerencia tem impacto na economia, na política e no social do país.

Inovar na Escola não significa criar um novo produto. Na escola, o fundamental é inovar a forma de fazer a gestão da própria escola e da sala de aula, de tal forma que agregue valor ao produto final – ensino de qualidade. Pode-se pensar em inovar os processos, as ferramentas, as relações, os ambientes e até mesmo o currículo. Entretanto, inovar não é trocar seis por meia dúzia, ou maquiar o velho para parecer novo... é romper com as velhas soluções. A hora é agora, 2018 está em curso.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22
Tels.: (12) 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Oração de um ano novo

Pai! Sei que te chamam de Deus, Alá, Javé, Tupã e tantos outros nomes. Muitas vezes te retratam não em um só, mas em diversos seres iluminados. Muitos até mesmo não te veem como um espírito, mas como sendo uma natureza completa. Alguns te veem nos animais e plantas, rochas e rios. Profetas vieram para anunciar quem és. Uns disseram que estarias nas estrelas. Outros, num lugar chamado paraíso. Tantos em um espaço que chamam de céu. Uma grande porção de seres diz que moras em nossos corações e alguns que habitas nossa mente. Alguns sábios profetas da ciência dizem que não existes, mas endeusam-te nas pesquisas e descobrem que nada sabem. Muitos dizem que retornarás através de um filho teu para resgatar-nos. Outros ainda dizem que tu te apresentas quando meditamos em silêncio e olhos fechados. Existem aqueles que preferem exaltá-lo em cantorias alegres e gestos repetitivos que fazem em templos. Outros ainda dizem que estás nas palavras proferidas por homens e também nas palavras escritas em livros sagrados: Bíblia, Alcorão, Mahabharata, placas de Néfi, Mórmom, Éter e Latão, no Torá, no Talmud e na Cabala, no Tao Te Ching ou na Avesta, no Akda ou nos Evangelhos.

Muitos dizem que morremos e renascemos em uma reencarnação. Mais ainda são os que professam que ressuscitaremos para uma vida plena. Alguns dizem que ficaremos sob a terra esperando a volta no Apocalipse. Outros que seremos agraciados com virgens e sabe lá com o que mais. Mas, Pai, o que sei é que aqui nesta vida devemos apenas fazer o bem. Distribuir o amor e a paz. Não sei onde moras definitivamente. Mas sei que te encontro no outro que cruza por mim todo dia. Sei que te revelas no mais humilde e necessitado. És aquele que habita na dor do desempregado, do semteto, do sem-terra, do sem esperança. Estás nos olhos dos doentes e desnorteados. Por isso, meu Pai, entendo que por eles tenho que lutar. Por eles tenho que ser firme. Aprendi que o que tinha que me ser dado já o foi: a vida, a capacidade. Sei ainda que tudo me foi dado em favor do outro. E, ainda que eu seja fraco e estúpido, é preciso que me levante e continue. Ainda que muitos coloquem regras humanas para Tua manifestação, ainda que criem grupos que chamam de religião, ainda que digam que não existas, isso pouco importa. É preciso que eu faça por mim mesmo. Que eu estenda as mãos. Que eu aceite a todos. Que eu me cale no sofrimento próprio e seja no sofrimento do outro. E, por serem assim, sei que muitos foram mortos. Muitos foram incompreendidos. Mas é preciso que eu saiba não me importar com quem luta contra mim. Na guerrilha que contra mim se instalará apenas porque não me encaixei na regra imposta por homens. Não por ti, pois tua regra é amar. Somente amar. Assim, Pai, eu nem mesmo sei o que pedir. Esta oração é apenas um ato de entrega e de silêncio. Nem mesmo sei se podes fazer algo por mim neste momento. Mas sei que queres que eu continue amando. Devo amar até que um dia o tempo de amar acabe nesta vida. Depois, já não sei mais. Mas acredito que, passado o tempo necessário, receberei de volta apenas o amor que dei. Que eu tenha forças de amar mais este ano e quem sabe ainda por muitos outros! Amém!

Luiz Flávio Rodrigues

O momento político brasileiro

Pela televisão assistimos a um ex-governador, com pés e mãos algemados, ser transferido para uma carceragem longe de seu feudo político. Mesmo preso, vinha corrompendo agentes públicos em troca de privilégios. Não perdeu os maus hábitos e subornava quem deveria vigiá-lo.

Assistimos, também, a uma antiga liderança política, quase nonagenária, ser encarcerada em consequência de crimes cometidos quando prefeito da maior cidade do Brasil – desviou milhões para fora do país. Era uma personalidade folclórica que, segundo admiradores, "roubava mas fazia". Gastou fortunas em recursos jurídicos que protelaram a sua prisão e imaginava-se acima da lei. A justiça, ainda que morosa, tardou mas não faltou.

Encontram-se presos, também, dois ex-presidentes do Congresso Nacional. Um deles, condenado a mais de 380 anos de prisão, aguarda julgamento de novos processos. Outros tantos agentes públicos estão sendo denunciados e investigados. Por trás de todos os crimes cometidos estão a corrupção e o desvio de dinheiro público.

Enquanto isso, o cidadão de bem, o chefe de família que cumpre com suas obrigações para com o Estado, tem dificuldade de conviver com o desemprego e a falta de assistência em saúde, educação, segurança e saneamentos básicos. O Estado, que deveria prover o cidadão de seus direitos básicos, se encontra falido em decorrência da crise moral e ética entre seus agentes políticos, que, ao invés de trabalharem em prol do bem comum, passaram a delinquir.

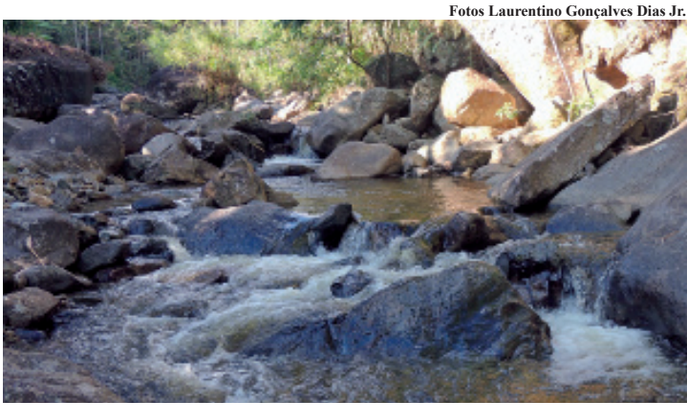
A sociedade brasileira vive um momento de decepção e indignação ante as sucessivas denúncias envolvendo políticos e os três Poderes em todos as instâncias da administração pública. De pequenas cidades, onde prefeitos e vereadores se aproveitam dos cargos para desfalcar o erário, ao maior cargo do executivo nacional, contra todas pesam denúncias de corrupção. Práticas não republicanas e trocas patrimonialistas passaram a ser vistas como normais. Tornou-se natural um parlamentar admitir que fez um acordo para votar em troca de verba ou da liberação de um pedido qualquer.

No passado, tivemos mais enraizada a ideia de que quem está numa função pública precisa ter autoridade moral. Nos últimos tempos, houve um afrouxamento da ética, especialmente no âmbito governamental.

Finalmente, paradigmas estão sendo quebrados pela Operação Lava Jato, que trouxe esperança ao cidadão de que a Justiça existe e é para todos. Prendeu e condenou políticos e empresários em série e continua investigando. É preciso, porém, que outros instrumentos controladores sejam eficazes e que o cidadão fique atento, não baixe a guarda. Os políticos, aos poucos, se descolaram da população. Passaram a legislar em causa própria. A política tornou-se meio de vida para os que nela enxergam uma maneira de se enriquecer e se acreditam impunes com base no descarado corporativismo e no foro especial.

O país vem mudando, apesar de passar por um momento crítico de falta de lideranças comprometidas com a ética. Este ano teremos eleições. Está difícil escolher entre os nomes conhecidos um que preencha os requisitos mínimos no trato com a coisa pública. Fiquemos atentos!

Fotos Laurentino Gonçalves Dias Jr.



A preocupação da FCR com os recursos hídricos

Os recursos hídricos fazem parte da agenda mundial já há um bom tempo e a preocupação com a disponibilidade de água de qualidade vem aumentando. Quando se toca no tema água, a primeira questão que vem à tona é o consumo humano. Sem dúvida, é tema primordial abastecer com água potável todos os rincões deste mundo tão desigual. Hoje, há locais em que o desperdício da água é imenso e outros em que pessoas morrem em função da seca. Há que se observar, porém, que os recursos hídricos têm abrangência bem mais ampla e merecem atenção.

No Brasil, a Política Nacional dos Recursos Hídricos, instituída pela Lei 9.433, de 8 de janeiro de 1997, estabelece que a gestão dos recursos hídricos deve garantir o uso múltiplo das águas, de forma descentralizada e participativa, contando com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades. Assim, devem ter igualdade de acesso aos recursos hídricos todos os setores usuários da água: abastecimento público, pesca e agricultura, geração de energia, turismo e recreação, navegação e eficiência dos usos (combate ao desperdício de água).

Instituída no mesmo ano em que a "Lei das Águas" – como é conhecida a Lei 9433 –, a Fundação Christiano Rosa sempre procurou, em Piquete, conscientizar a população e as autoridades quanto à importância da preservação de nossos recursos hídricos. Já há muitos anos a Fundação tem cadeiras titulares no Comitê da Bacia Hidrográfica do Paraíba do Sul (CBH-PS) e no Comitê de Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul (CEIVAP), fóruns democráticos que contemplam debates e decisões sobre as questões relacionadas ao uso das águas da bacia hidrográfica do Paraíba do Sul.

Em Piquete, projetos de revegetação de mata ciliar vêm sendo elaborados e executados pela Fundação desde 2004, com resultados significativos no aumento desse importante tipo de vegetação que protege os corpos d'água. Em muitos deles, a Educação Ambiental foi contemplada. A elaboração de um Plano Estadual de Recursos Hídricos do estado de São Paulo foi coordenada pela Fundação. Neste informativo, são comuns os textos que tratam da necessidade da definição e implementação de políticas ambientais efetivas e da importância da participação da sociedade na definição dessas políticas, visto que os resultados a afetam diretamente.

Ao comemorarmos os 21 anos da "Lei das Águas", a Fundação Christiano Rosa constata sua efetiva colaboração para a preservação dos recursos hídricos em Piquete e na região e compromete-se a manter como agenda constante suas atividades em favor de políticas sérias e eficazes que garantam a disponibilidade e a qualidade desse elemento essencial para a vida e para a sociedade: a água.

Um Estado sequestrado

A cena política da segunda semana de 2018 foi ocupada pela polêmica nomeação da deputada Cristiane Brasil para o Ministério do Trabalho e Emprego. Condenada duas vezes pela justiça trabalhista por não ter registrado antigos funcionários, a deputada foi impedida de tomar posse no cargo após liminar judicial, ratificada posteriormente por decisões de instâncias superiores. Cristiane é filha de Roberto Jefferson, político condenado na Ação Penal 470, popularmente conhecida como "Mensalão", e sua relação parental com o presidente do PTB parece explicar a insistência do partido em não abdicar de sua indicação. Dependente do apoio de Jefferson à reforma da Previdência, Temer se vê refém das vaidades do político, cedendo-nos mais uma amostra de um problema estrutural do Estado brasileiro: sua condição de refém dos interesses pessoais e corporativos de políticos sem qualquer programa ou ideologia.

O problema do fisiologismo – fenômeno no qual os apoios são costurados majoritariamente a partir dos interesses pessoais dos próprios políticos – é frequente no nosso debate público. Muitas vezes, inclusive, é confundido com o próprio presidencialismo: costuma-se criticar, a priori, a negociação em que chefes do executivo cedem ministérios e secretarias a outros partidos em troca de apoios nas casas legislativas. Essa crítica costuma ensejar propostas de mudança do regime de governo, quase sempre indicando a necessidade de substituir o presidencialismo por um regime parlamentar, com a chefia do governo sendo ocupada pelo líder do legislativo. Essa sugestão não só tem motivação equivocada – afinal, um primeiro-ministro também teria de negociar apoios no Congresso –, como também erra no diagnóstico do problema. A encalacrada de nosso regime não está propriamente na necessidade de se formar coalizações para governar, mas sim na estrutura que os chefes de executivo precisam enfrentar para costurar esses apoios.

Uma simples análise do sistema partidário brasileiro já nos é útil para encontrar uma determinante fundamental do problema: à exceção dos dois grandes partidos que polarizaram as eleições presidenciais nos últimos anos, à direita e à esquerda, e outras poucas siglas menores, a grande maioria dos partidos e políticos não possuem perspectiva programática para oferecer ao país, não tem localização certa no espectro ideológico e subsistem exclusivamente através da relação parasitária que guardam com o Estado, fonte de recursos para sua sobrevivência política. Isso significa que qualquer chefe do Executivo disposto a governar com alguma estabilidade precisa negociar apoios muito além daqueles parlamentares com quem guarda alguma proximidade ideológica, e quando se vai mais à frente desse raio a necessidade de se buscar acordos com políticos interessados exclusivamente em suas sobrevivências políticas e pessoais torna-se imperiosa, o que define um quadro de sequestro do governo e do Estado por esses agentes clientelistas.

A curto prazo, uma saída para o problema passaria pelo eleitorado, que poderia expurgar do Congresso os parlamentares sem programa, que flutuam entre esquerda e direita com o intuito exclusivo de chantagear governos em troca de emendas e cargos. Pensando mais a longo prazo, seria preciso criar mecanismos institucionais que fortalecessem os partidos programáticos, como a proposta da lista fechada nas eleições parlamentares, e desestimulassem o clientelismo político. Certo é que o próximo presidente, seja quem for, terá sua capacidade posta à prova por esse problema.

Rafael Domingues de Lima

Crônicas Pitorescas

Excesso de simpatia...

Palmyro Masiero

Contam-nos tantos casos, que alguns ficamos na dúvida se já não pertencem ao folclore, logo, ao domínio público. Há que ter um dono. Mas, quem, se os contadores jamais citam a origem e, na maioria das vezes, dão nomes de pessoas conhecidas suas como participantes e até o lugar do fato?

Vamos mostrar-lhes uma história engraçada que nos contou um velho fazendeiro, hoje aposentado, que deu nomes aos bois, isto é, aos personagens, à fazenda e ao município palco do acontecido, e – quem discute – ele como o artista principal: o dono da vaca! Historiamos a nosso modo e se já conhecerem o "causo", perdoem-nos, que mostrei no início como a coisa acontece.

O fazendeiro Zeca deixou suas terras e viajou léguas tocando uma sua vaca até a fazenda do compadre Bento, dono de um raçudo touro, para que cruzasse com ela. Chegou... Cumprimentos e logo a vaca foi colocada num sítio juntamente com o machão. Os dois compadres sentaram na varanda e, enquanto olhavam os animais, entre as tragadas dos paieiros, iam falando da vida. Alguma roda estava fora dos trilhos, pois a vaquinha toda faceira lançava lânguidos olhares convidativos para o chifrudo ali e ele nem aí com ela.

– Que que tá havendo com seu touro, compadre Bento? – quis saber o Zeca.

– Não sei, compadre... Coisa de duas semanas que ele tá assim, meio jururu... Vai ver que é cansaço...

– Até que pode, compadre... Mas o compadre sabe, andei um trecho longo pra cruzar a Estrela com seu touro e não carece perder essa viagem. Se o compadre não puser reparo nem descaso, posso ensinar uma simpatia que vai deixar seu touro doido de fogo...

– Mas claro que não desconsidero, compadre! Como é a tal?

– Bem... Vosmecê pega aí um pente de ferro e coça a cabeça do touro entre seus chifres... É trovejar e chover!

O fazendeiro Bento providenciou o tal pente de ferro e, acompanhado do compadre Zeca, foram até onde se encontrava o casal destinado a se amar. Bento chegou-se ao touro e começou a fazer o que o compadre havia ensinado. Parece que o tourão levou um choque elétrico, pois, no mesmo instante que começou a coçadinha, um frenesi percorreu onde devia no animal, que não perdeu tempo. Cobriu a vaca do compadre Zeca.

Ambos, os donos, ficaram satisfeitos. O do touro por ter aprendido mais uma e o da vaca por levá-la de volta cheia.

Mais de um mês passou e o nosso contador, o fazendeiro Zeca, levou outra vaca para a satisfação do touro do compadre Bento. Chegou, como da vez primeira, e logo os animais foram colocados juntos.

– Olha aí, compadre... Se por acaso seu touro estiver cansado de novo, vosmecê já sabe o que fazer, não?

– De que jeito esquecer?! Coçar entre os chifres com pente de ferro.

– Isso... O compadre não esqueceu o remédio...

– Não deu sorte – disse lamurioso o Bento.

– O compadre parece amuado – reparou o Zeca.

– Amuado não é bem a palavra, compadre. Estou um bagaço!

– Por acaso o compadre está doente?

O fazendeiro Bento levantou o chapelão e mostrou a testa para o outro:

– Olha só, compadre!

– Que que é isso, compadre?! Sua testa está em carne viva! Que houve?

– Que houve é que depois que você ensinou essa simpatia pra dar fogo no touro, a Zefa não para de me pentear!

– Xiii... Tá danado... – analisou o professor da simpatia, cofiando a barbicha.

– Por que esse "tá danado" aí, compadre?

– Tava só pensando alto, compadre.

– Pensando o quê, Zeca?

– Tô só refletindo o que me disseram... Dizem que a simpatia só funciona entre chifres!

A sorte do Zeca é que durante essas confidências touro e vaca cumpriram as respectivas partes, pois o Bento expulsou o compadre e cortou relação pra sempre...

Precisamos de mais Educação Ambiental

A preocupação em recuperar e preservar o meio ambiente tornou-se, nas últimas décadas, prioridade de todos os povos do planeta. As mudanças climáticas decorrentes dos agravos ambientais causados pelo homem ao longo dos séculos geraram e vem gerando transtornos cada vez maiores. A natureza responde às agressões, muitas vezes de forma violenta. Dessa maneira, tem-se procurado entender a dinâmica ambiental e a melhor maneira de estabelecer o relacionamento entre o homem e o meio ambiente. Trata-se de uma questão de sobrevivência de todas as espécies, incluindo-se aí o homem. Essa preocupação decorre de uma nova maneira de perceber o mundo e da relação direta do homem com o meio em que vive.

A educação ambiental ganha destaque por meio do surgimento de uma nova percepção do mundo: uma maneira integral de se analisar a realidade e de se atuar sobre ela. Esta proposta educativa compreende o mundo como um todo e, portanto, não pode ser reduzida a apenas uma instituição, disciplina ou programa específico; ao contrário, deve compreender ações multi e interdisciplinares e estar inserida na vida cotidiana de todos.

A educação ambiental é, na essência, uma proposta de filosofia de vida que incorpora valores éticos, democráticos e humanistas. Tem como ponto de partida o respeito pela diversidade natural e cultural, incluindo-se, aqui, as especificidades de classe, etnia, gênero, orientação sexual, etc. Assim, busca a melhoria da qualidade de vida e a distribuição social do poder, para o qual reconhece o acesso à informação e ao conhecimento como outra forma de o mesmo ser exercido.

É uma educação holística que propõe a busca de novos valores e práticas baseados em uma postura ética ao mesmo tempo que é uma educação democrática, propiciadora de oportunidades para que as pessoas e os grupos desenvolvam sua criatividade, reaprendendo o mundo sem estabelecer separações artificiais entre mestres e aprendizes, entre sexos, idades e saberes.

No âmbito do programa de educação ambiental, essa tarefa se insere não só como uma missão do Estado, mas de toda a sociedade. Um dos pré-requisitos fundamentais para se alcançar o desenvolvimento sustentável é a ampla participação da comunidade na tomada de decisões.

O programa de educação ambiental propõe-se a contribuir para o processo de alterar as formas de sentir, pensar e agir sobre o meio ambiente do trabalho, discutindo com trabalhadores e patrões questões pertinentes ao tema.

Neste início de mais um ano letivo, é preciso que a educação ambiental seja tratada de maneira séria e continuada, estendendo-se da escola para a família e toda a sociedade.

Deus perdoa. A natureza, não!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Verões tórridos, invernos congelantes, chuvas torrenciais... Os extremos climáticos dominam o noticiário nacional e internacional. Em todos os casos, as consequências incluem perdas humanas e prejuízos materiais, por vezes, incalculáveis.

O inverno implacável que congela o hemisfério norte, aliado às posições ambientais patético-eleitoreiras do atual governante dos EUA, trouxe para as redes sociais o questionamento sobre os efeitos do aquecimento global. As alegações, que seguem o raciocínio, no mínimo, desinformado do líder norte-americano, são a de que as ondas de frio recorde desmentiriam os efeitos, por exemplo, da emissão de gases provenientes do uso excessivo de combustíveis fósseis sobre o aumento da temperatura do planeta.

O raciocínio é tão simplista quanto errôneo, pois confunde clima com tempo. Os dois termos, apesar de comumente usados como sinônimos, são, de acordo com a meteorologia, distintos. O tempo se refere ao estado momentâneo da atmosfera em um determinado local. Consiste, portanto, na mudança de curto prazo da atmosfera, que pode ser de minuto a minuto, de hora em hora ou de dia a dia. Quando se fala em clima, estamos olhando para as médias de temperatura, precipitação, umidade, velocidade do vento, fenômenos como nevoeiro, tempestades e outras medidas do tempo que ocorrem em um lugar particular ao longo de determinado período de tempo – normalmente trinta (30) anos.

Dia desses, numa de minhas audiências mensais com a professora Abigayl Lea, ela me falou sobre um conselho que recebia na infância: "Se você tiver que optar entre pecar contra Deus ou contra a natureza, escolha a primeira opção... Deus perdoa; a natureza não!". A mensagem é muito inteligente! Todos os crentes sabemos que o ensinamento maior de Deus se refere ao amor incondicional e à infinita capacidade de perdoar. Já a natureza vem se mostrando implacável contra todos que a desrespeitam.

Aos que constroem às margens de rios, inundações constantes! Aos que desmatam, calor e seca inclementes! Aos que poluem os rios, doenças e sede! Aos que caçam por puro prazer, o descontrole e a extinção da fauna! Seria imensa a lista de punições que flagelam o mundo em função dos pecados contra a natureza.

Há que se estancar os pecados contra a natureza, pois, caso contrário, o futuro não estará garantido! Haveremos de nos arrepender e envidar esforços para corrigir os pecados contra a natureza!

Se estamos enfrentando invernos rigorosos e verões escaldantes, se ficamos impressionados e sofremos ao ver famílias devastadas pela perda de seus entes e a destruição de seus lares, temos que agir para evitar que essas tragédias se repitam! Façamos todos a nossa parte: plantar árvores quando e onde possível e não jogar lixo nos rios e córregos, e nem nas ruas, são exemplos simples que têm impacto favorável significativo para a melhoria do meio ambiente. Vamos nos redimir! E que a natureza nos abençoe!

História: o início das obras militares em Piquete

Barão da Bocaina e comitiva, em Piquete, em 1902

Há 115 anos, no dia 11 de janeiro de 1902, chegava a Piquete, a convite do Barão da Bocaina, uma comissão chefiada pelo Ministro da Guerra, Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, encarregada da escolha dos locais para instalação de uma fábrica de pólvora sem fumaça e um sanatório militar. Além do Ministro, a comissão era composta pelos senhores General Carlos Eugênio, diretor de Engenharia, Major José Vilela Tavares, Capitão Eugênio José Calazans e o Capitão médico Dr. Antônio da Silva Cruz.

Foram muito bem recepcionados pela população de Piquete. A pequena Vila, recém-emancipada, vivia presa a um passado agrário escravocrata, em que a monocultura cafeeira fez a fortuna de poucos, amargava uma vida modorrenta, sem perspectiva de desenvolvimento para seus moradores. À frente da administração municipal, nossos governantes exercitavam um modelo político arcaico, sem conseguir apontar caminhos para o desenvolvimento. Continuamente lamentavam a falta de recursos e de apoio do governo central. Não conseguiam romper a inércia em que se encontrava o município.

Daí, o entusiasmo com que a Vila foi tomada com a vinda do Ministro. Anteviam para a região uma nova era de prosperidade que se iniciaria com as obras militares.

Após a escolha do local para a instalação da fábrica e do sanatório, tiveram início as obras do ramal férreo e do sanatório.

Em 3 de fevereiro de 1902, chegou a Lorena o antigo 12º Batalhão de Infantaria, que ficou hospedado na "Fazenda Amarela". Esse batalhão militar veio construir o ramal férreo, com um efetivo de 450 homens sob o comando do Cel. Francisco Agostinho de Melo Souza Menezes. Ao mesmo tempo, formou-se a "Comissão Construtora do Sanatório Militar de Lavrinhas".

Não há dúvidas de que devemos ao Exército Brasileiro e às obras militares na região o renascimento de Piquete. ***AC***

Brasília: o cachimbo entortou a boca do Brasil

O século XX já ultrapassava a sua metade.

Alguém de tino e descortino resolveu instalar a capital do Brasil no lugar em que mentes razoáveis pensavam que deveria estar.

Iniciou-se o moderno bandeirantismo – o país se deslocou para a NOVACAP.

Pioneirismo é sinônimo de dificuldade. Assume apenas quem tem coragem.

Mas havia a elite da Antiga Capital. Havia os privilegiados da Gaiola de Ouro.

E, vamos e venhamos, deixar uma cidade como o Rio de Janeiro dói. Para qualquer um. Não apenas para o carioca de bermuda e sandália.

Então foi necessário adoçar a boca dos pioneiros a contragosto: um auxílio aqui, uma agradinho ali – e vai chegando uma gente espantada com o que os estrangeiros classificavam como uma Cidade para Gigantes.

Acontece que aqueles auxílios não contemplaram apenas o falso pioneirismo.

Brasília há muito passou dos cinquenta e os auxílios continuam.

Se compararmos com o modelo de Orçamento Doméstico que o povo usa para controlar seus gastos, verificaremos que as "bondades" se prendem a três itens principalmente: moradia, transporte e vestuário e gastos pessoais (auxílio terno ou auxílio paletó).

O grande problema é que a intimidade com Brasília fez com que as "bondades" se generalizassem. Até Câmaras de Vereadores estão votando o Auxílio Terno.

Preocupados com o Ajuste Fiscal, senadores concluíram que o montante aplicado ao Auxílio Moradia seria suficiente para a construção de um número considerável de casas populares.

Passando ao item transporte, frotas de carros com motoristas e passagens aéreas destoam do insuportável aumento de vinte centavos nas passagens de trem, ônibus ou metrô no orçamento do trabalhador.

Ordeiro e esforçado trabalhador, você conseguiu entrar no Ano Novo com uma camisa nova? A quantas anda o seu calçado social? O Auxílio Terno pode transformar nossas Casas de Lei em passarelas para as grandes grifes.

Se o cachimbo veio de Brasília, a cura para a boca torta deve partir de lá.

Que cada cargo faça jus a um salário compatível para que sejam banidas todas estas "bondades".

E que, a partir de 2018, o trabalhador brasileiro não tenha de especializar-se em acrobacias para equilibrar o orçamento.

Abigayl Lea da Silva

Fotos Secretaria Municipal de Meio Ambiente

Diversão saudável e exercicio de cidadania

As árvores têm papel essencial na manutenção de um meio ambiente saudável. Em uma cidade, embelezam e garantem um clima mais ameno em períodos de calor. Plantar árvores é uma tarefa fácil, ainda mais com o auxílio de projetos gratuitos de distribuição de mudas.

Em Piquete, ciente da importância de se conscientizar as crianças para os benefícios de se viver em uma cidade arborizada, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente vem promovendo, entre os alunos das escolas municipais, o plantio de mudas em diversas áreas da zona urbana, especialmente as legalmente classificadas como de preservação ambiental. Os alunos são levados para áreas próximas às suas escolas e, além de plantar, recebem noções básicas de cuidados com as mudas. Além disso, são incentivados a cuidar dessas mudas, tornando-se "padrinhos" delas.

De acordo com os dados da Secretaria Municipal, foram plantadas cerca de trezentas (300) mudas, todas de espécies nativas da Mata Atlântica.

A Fundação Christiano Rosa parabeniza os organizadores dessa ação, pois plantar uma árvore com uma criança é uma forma de diversão saudável e um exercício de cidadania. Que venham mais plantios!

Reaprender a pensar com o coração

Temos ouvido constantemente que vivemos numa nova era das luzes, numa sociedade do conhecimento. Realmente não temos notícia de que a humanidade tenha conhecido tanto de tão pouco. A especialização do conhecimento de fato é uma notável característica de nosso tempo. Na mesma proporção, porém, se conhece cada vez menos a integralidade da realidade, das coisas, da vida.

Uma demasiada valorização do conhecimento racional, do qual emanaram as ciências positivas e delas a técnica que rege as nossas sociedades, ainda modernas, tornou irrelevantes saberes ancestrais que, ao longo dos séculos, direcionaram as relações humanas e as relações da humanidade com os demais entes do cosmos. De fato vivemos numa era do conhecimento, mas um conhecimento fragmentado, que acaba por fragmentar também nossa visão sobre a realidade, sobre o mundo, sobre os sentidos. Noutro dia um colega foi diagnosticado com câncer no intestino, passou por uma cirurgia; como a doença ainda estava num estágio inicial, não precisou ser tratado com quimioterapia. Ele voltou logo para casa. Não recebeu nenhuma orientação médica quanto ao estilo de vida, alimentação, hábitos cotidianos. O médico enxergou apenas o tumor e tratou apenas a doença que o acometia como se ela não tivesse nenhuma relação com todas as coisas que envolvem a vida do paciente.

Voltar a ver a existência de forma integral, holística, como inter-relação, co-existência, interdependência, é um grande desafio que se coloca à nossa cultura ainda alicerçada no modelo de fragmentação da racionalidade moderna. Já nasce entre nós, aos poucos, movimentos de ruptura, de contracultura, que se expressam de muitas formas. O crescimento da consciência ecológica, de que somos partes da mesma biosfera; a valorização de tratamentos medicinais alternativos, muitos deles vindos do Oriente com visões mais holísticas de saúde; a redescoberta da sabedoria xamânica, dos conhecimentos populares, dos benzimentos, a desvalorização cada vez maior das instituições fundadas na racionalidade moderna, o crescimento de um cristianismo irracional e desinstitucionalizado de cunho pentecostal; são, dentre muitas outras, expressões de que há um esgotamento da modernidade racional e uma tentativa de construção de um novo ou de novos paradigmas: a esse fenômeno de certa ruptura muitos atribuem o nome de pós-modernidade. Isso tende a se intensificar e produzir, em pouco tempo, uma grande transformação, sobre a qual ainda não podemos fazer um preciso juízo de valor.

A degradação da biosfera e dos tecidos sociais chegaram a um estágio tão crítico, que já não se pode vislumbrar, a curto prazo, a manutenção dessa forma de organização social atual, sem que haja conflitos catastróficos e sem que a Terra manifeste seu esgotamento por meio de eventos ambientais violentos e aniquiladores.

A racionalidade moderna, científica e tecnológica não foi capaz de estabelecer harmonia, benevolência, generosidade, sentido de justiça. Não foi capaz de criar sociedades ambientalmente sustentáveis. Não produziu um conhecimento capaz de colocar a humanidade em contato com a complexidade da existência. Não aprimorou a espiritualidade humana. A racionalidade moderna fez com que a humanidade pudesse manipular tecnicamente a natureza. Isso promoveu importantes e inegáveis avanços, mas insuficientes para lidar com a complexidade da vida.

Os cientistas antigos e os medievais estavam convencidos de que o saber das coisas humanas não passava de *techné*, ou seja, habilidade artesanal, técnica. Não podendo nunca chegar ao nível do conhecimento verdadeiro, da verdadeira ciência. Na universidade medieval, as artes eram vistas apenas como um estágio anterior à ciência propriamente dita, que reflete sobre o ser, sobre a existência. Na modernidade, a partir do século XVI, com raízes ainda no século anterior, a filosofia e a teologia, que refletiam sobre o existir em sua integralidade, cedem lugar à razão funcional e instrumental-analítica. Essa nova ciência gera homens como o físico alemão Albert Einstein, mas é incapaz de fomentar no espírito humano a compaixão que podia ser encontrada em uma mulher como Madre Tereza de Calcutá.

A superação do paradigma cientifico moderno como a única fonte de conhecimento, tão necessária em nosso tempo, passa pela redescoberta da inteligência que nasce do coração e da sensibilidade. A inteligência cordial e sensível é mais elevada que a meramente racional. Ela é o berço dos valores e do sentido pelo qual vale a pena viver e morrer.

Hoje, mais do que em qualquer outra época, precisamos reaprender a pensar com o coração e com a sensibilidade.

Pe. Fabrício Beckmann